
I
LA PASIÓN EN LAS GRADAS:
IDENTIDAD, FIESTA
Y VIOLENCIA EN EL FÚTBOL

*Torcidas organizadas de futebol Identidade e identificações, dimensões cotidianas**

Carlos Alberto Máximo Pimenta**

Introdução

Nunca é de menos ressaltar que a violência, em seu sentido urbano e juvenil, vem ganhando importante espaço na agenda social, em especial nos veículos de comunicação de massa, parecendo assumir o epicentro das preocupações do poder público e do homem contemporâneo. Dentro deste contexto, no artigo, pretendo explicitar a violência acerca do movimento “Torcida Organizada”.

O esforço circunscreve-se em apontar que essa modalidade de violência está inscrita na base dos “jogos de relações” travadas no cotidiano da sociedade brasileira contemporânea, cuja análise parte do conjunto de identificações¹ e identidade² ali vivenciadas, bem como dos discursos produzidos pelos jovens inscritos.

A reflexão proposta segue caráter essencialmente prospectivo e indagatório, restrito em pesquisas empíricas qualitativas/críticas desenvolvidas junto as Torcidas: “Gaviões da Fiel” (Sport Clube Corinthians Paulista), “Independente” (São Paulo Futebol Clube) e “Mancha Verde” (Sociedade Esportiva Palmeiras), sediadas na cidade São Paulo, Brasil.

* Texto reescrito a partir da comunicação apresentada no Seminário “Esporte: Teorias, Paixão e Risco”, promovido pelo NECCU, da PUC/SP, Brasil, de 09 a 11 de outubro de 2000; das discussões promovidas em FLACSO, Quito Equador, de 8 a 10 de novembro (II Reunião da CLACSO); da publicação na *Revista São Paulo em Perspectiva* (Pimenta, 2000: 122-128).

** Professor de Sociologia na UNITAU, doutor em Ciências Sociais pela PUC de São Paulo, membro do Grupo de Estudos do Cotidiano e de Cultura Urbana (PUC/SP), do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas de Práxis Contemporâneas (UNITAU) e do Grupo de Estudios Deporte y Sociedad de CLACSO.

A reflexão se faz necessária, pois visa buscar melhor compreensão de nosso tempo social, contribuindo no rompimento de visões reduzidas, conservadoras ou meramente estatísticas sobre o tema violência. Visa, também, indicar apontamentos às modificações sentidas no cotidiano dos grandes centros urbanos que re-ordenam, de uma forma ou outra, o comportamento dos grupos de jovens, em face das transformações políticas, econômicas e sócio-culturais, em curso.

Reconheço, mesmo com “toda” perspectiva de re-visitar posturas mais ampliadas, que não é muito tranquilo iniciar discussão sobre violência, sob qualquer ótica³. A temática ainda é bastante penosa e pesada, do ponto de vista do objeto-sujeito e do método determinista e/ou não. Em que pese à intranquilidade exposta, caminhar é preciso e ir a fundo na questão significa atentar para as particularidades de cada violência e de como cada grupo faz uso dela ou nela está inserido.

O componente juvenil da violência⁴, ao meu ver, merece ser observado por outros ângulos cada vez menos policialescos ou midiáticos. A idéia é explorar seus aspectos simbólicos⁵, no que diz respeito aos mecanismos que articulam os canais da agressividade e da violência, e, sobretudo, para evitar que essa modalidade de violência seja utilizada como cenário de “espetáculo” e “banalização” humana, pelos canais de formação de opinião pública.

Na formatação das visões dos torcedores (muitas vezes denominados em trabalhos científicos de vândalos⁶) é que busco relacionar a violência produzida entre as “Torcidas Organizadas” com os “jogos” de relações sociais travados no espaço urbano. A violência, aos olhos dos torcedores, não aparenta ser acontecimento social solto, isolado.

A título de explicação metodológica, a observação encaminhada privilegiará os confrontos que tiveram grandes repercussões na mídia televisiva, nos últimos 12 anos, pois se revelou em importante material de investigação⁷.

A abordagem se divide em duas partes. Na primeira parte, na tentativa de apontar o surgimento das “Torcidas Organizadas”, farei breve contextualização histórica para localizar o fenômeno enquanto movimento de juventude, sem perder de vista as intenções propostas. Na segunda parte, na tradução dos discursos produzidos pelos torcedores filiados ao momento, interpreto as identificações e a identidade que compõe o estilo de vida do grupo, como classificou Pierre Bourdieu.

Três questões perpassam e sustentam a lógica da análise, a saber: (1)– quem são esses “torcedores”? (2)– quais são suas identificações e identidade? e (3)– que relações existem entre “torcedores”, suas identificações e identidade com o aumento da violência no futebol?

O fenômeno “Torcidas organizadas”

A violência ao redor do futebol não é acontecimento novo e há exemplos interessantes na história do futebol brasileiro⁸ e mundial⁹ de atos de extrema violência entre torcedores. O que é inédito é o movimento social de jovens em torno de uma organização que difunde novas dimensões culturais e simbólicas no cotidiano urbano, amoldando o comportamento dos inscritos que se apropriam da violência verbal ou física como forma de expressão e visibilidade.

No Brasil, dos anos oitenta para cá, sabe-se que o comportamento do torcedor nas arquibancadas dos estádios de futebol modificou-se consideravelmente. Esta modificação se deu, segundo alguns pesquisadores, pelo surgimento de configurações organizativas com característica burocrática/militar¹⁰, fenômeno este essencialmente urbano¹¹ que criou uma nova categoria de torcedor, ou seja, o chamado “torcedor organizado¹²”.

As primeiras “Torcidas Organizadas” (aqui se entende como “organizada” os grupos de jovens associados ao movimento de torcedores burocrático-militar) datam do fim da década de ‘60 e do começo dos anos ‘70¹³. Nesse período, o Brasil caminhava em passos largos na busca do desenvolvimento econômico e a cidade de São Paulo avançava no processo de aceleração urbana, porém, notoriamente desarticulada e “descompromissada” com as bases sociais¹⁴.

No encaminhamento das políticas públicas pelo Estado Militar brasileiro viu-se o esvaziamento do sujeito social, no sentido coletivo do termo, e a desarticulação das relações na esfera do público, reforçando as individualizações e as atomizações dos movimentos sociais, incluindo os movimentos de jovens e transformando-os em acontecimentos ora de busca de pertencimento ora de auto-afirmação, onde a violência norteia a constituição da identidade e das identificações dos membros desses grupos.

Entendo ser impossível falar de “torcedor” ou “Torcida organizada” sem passar por questões políticas e simbólicas-culturais ligadas ao processo de construção da identidade social do jovem brasileiro e, conseqüentemente, suas identificações e dimensões cotidianas, em que toma parte.

Aqui, faço referência a Pierre Bourdieu, das trocas simbólicas (1998[a]), como indicativos teórico-explicativos aos elementos culturais de lazer produzidos pelo movimento e como potencial subjetivo de aglutinar quantidade significativa de massa jovem, atraída pelos códigos e símbolos difundidos.

Na década de ‘70, o poder de mando do complexo industrial brasileiro interferiu nas macro-organizações político-econômicas provocando grandes instabilidades às micro-organizações emergentes. Conseqüentemente, o “*estilo de vida*” dos jovens denominados de *novos sujeitos sociais*¹⁵ não pode ser dissociado dos desdobramentos causados por esses traçados político-econômicos legitimados no “jogo” social.

O conflito entre os poderes econômico e social marcou a construção do espaço urbano das grandes cidades, prevalecendo o interesse do capital e, de alguma forma, esse processo interferiu, na identidade social dos jovens que ganham expressividades através da negação do outro (enquanto ser social), da disputa e da violência prazerosa entre os rivais.

Ademais, um apontamento possível desses desdobramentos é o esvaziamento da noção do coletivo na formação dos jovens, fator indispensável na compreensão do nosso tempo. Com isso, não estou afirmando que os *novos sujeitos* não têm conteúdo nenhum. De longe não é esse o raciocínio empregado ao texto. Falo, exclusivamente, da questão da consciência. Pierre Bourdieu nos ensina que as relações de poder existentes entre grupos sociais circulam, podendo ser apropriadas ou não. E, mais, cada agente do grupo, sabendo ou não, querendo ou não, é reprodutor de ações que são produtos de um *modus operandi*, muitas vezes sem ter o domínio consciente (1998[b]: 132-207).

Violência: dimensões do cotidiano

Caso seja correto entender que o aumento dos atos de violência praticados entre torcedores tem decorrência no surgimento dos “novos sujeitos”, estes predominantemente jovens (individualizados, do ponto de vista da formação de uma consciência social e coletiva¹⁶), afasto o reducionismo das explicações e justificativas econômicas, com relação à temática. A violência não é coisa exclusiva da pobreza.

A idéia, a partir da sistematização de dados empíricos, é entender a violência pela via do esvaziamento do sujeito social que, diminuído de sua capacidade de filtragem, constrói a identidade e as identificações, tendo a violência como elemento estruturante. O diálogo grafado, abaixo, viabiliza melhor a argumentação exposta:

“Repórter: O que você acha dessa violência?”

Torcedor: (...) a gente tem um cachorro que vai e te morde e você vai ficar parado?”¹⁷.

O torcedor rival perde a característica de pessoa ou sujeito, mas ganha o *status* de animal ou coisa, sem nenhum vínculo de comprometimento social ou humano. Na prática dos atos de violência, os “torcedores” perdem a percepção da existência do outro. A entrevista, que segue, exprime o sentimento entre os rivais:

“Repórter: Você chegou a bater em alguém?”

Torcedor: Não sei...

Repórter: Você se defendeu pelo menos?

Torcedor: Defendi...

Repórter: O que você acha disso, você gosta?

Torcedor: Gosto... é só para chegar em casa e ter o prazer de tirar um barato com os meus amigos.

Repórter: Não importa que alguém morra nisso?

Torcedor: Não sendo amigo meu tudo bem?¹⁸.

Uma questão se impõe: –quem são esses sujeitos? Após observar os arquivos administrativos das “torcidas” pesquisadas, posso dizer que os seus sócios são pessoas normais que gostam de futebol, do “barato” promovido pelas “organizadas” e vão aos estádios de futebol atraídos pela diversão, pela viagem, pela bebida, pela excitação do “jogo” e, até, pelo prazer de atos de violência¹⁹. Nas arquibancadas, cantam a “Independente” e a “Mancha Verde”:

“No Morumbi, no Pacaembu ou no Chiqueirão²⁰,
Independente dá porrada de montão”.

“Mancha Verde dá porrada em qualquer um...
se bobear a ‘Mancha Verde’ mata um...”.

É indispensável refutar, também, o argumento, policialesco e midiático, de que todo participante de “organizada” é vândalo, criminoso ou delinqüente. A composição de uma “torcida” varia e há de tudo um pouco. De gente de “boa família” até “delinqüentes”, segundo os entrevistados.

Paulo Serdan²¹ ao descrever o perfil dos filiados da “organizada” que faz parte reconhece que na composição de uma “torcida” participam pessoas criminosas, viciados, estudantes, trabalhadores das mais diversas profissões, pais de família, mulheres, jovens, pois existe uma pluralidade de “agentes” que assumem diversos papéis nos “jogos” de relações sociais, mas na arquibancada é um torcedor, um apaixonado. Acrescenta que sua “torcida” é

“um grupo diversificado. Aqui temos pessoas de todas as classes. (...), temos pessoas aqui que participam de partidos políticos (...), ricos, pobres, negros, amarelos, viciados, gente com passagem na Polícia (...). A gente forma uma grande família”.

Ampliando o aspecto da diversidade dos membros filiados em uma “organizada”, constatei que o afluxo de jovens nas “torcidas” é predominante. No entender de Jamelão²², ex-presidente dos “Gaviões da Fiel”, a “organizada”:

“tem crescido muito significativo desde 1990 e há uma grande procura por parte dos garotos de 13, 14, 15 e até 18 anos. (...) essa procura é boa, aqui nós temos um conselho, nós temos um ideal e eu acho que nessas ‘torcidas’ está faltando um pouco disso”.

Entre brigas, rivalidades e mortes, os anos noventa representam o crescente aumento do quadro associativo das “organizadas”. Em 1991, a “Mancha Verde” tinha 4.000, a “Independente” 7.000 e os “Gaviões da Fiel” 12.000, filiados. Até

outubro de 1995, período em que passou a ocorrer por parte da Justiça Pública paulistana cerceamentos das atividades desenvolvidas pelas “organizadas”, seus quadros registrou os números de 18.000, 28.000 e 46.000 filiados, respectivamente²³.

As novas filiações eram efetuadas por jovens entre 12 e 18 anos de idade, atraídos pela violência, estilo de vida e aspectos estético-lúdico-simbólicos²⁴ disponibilizados a massa jovem, intimamente ligados ao modelo de sociedade de consumo instaurada no Brasil²⁵.

Relação direta com a procura considerável de filiações foi o aumento da violência. Torna-se importante consignar que os anos de 1992 e 1994 foram os mais preocupantes, pois ocorreu a maior parte dos envolvimento entre “torcidas”. Pelo menos, foram os anos que a mídia mais noticiou os envolvimento. Desses, resultaram a morte de 12 pessoas, sendo 4 delas em 1992 e o restante em 1994.

Nesse período os confrontos passaram a ser constantes e os instrumentos utilizados para defesa e/ou ataque tinham o poder de ocasionar lesões de natureza grave. Os “torcedores” começam a fazer uso de “bombas” e “armas de fogo”, instrumentos, até então, pouco utilizados nos embates entre “torcidas”²⁶.

O fato de se constatar que antes dos anos noventa não se tinha notícia de mortes não significa que os confrontos inexistiam. Segundo Paulo Serdan:

“As brigas eram na mão e não havia armas”. (sic)

No depoimento Paulo Serdan dá a entender que os confrontos eram frequentes, porém menos contundentes. Ao declinar sobre a fundação da torcida “Mancha Verde”²⁷, desde a escolha do nome até as atitudes praticadas nas arquibancadas e nas ruas da cidade, enfatizou que seria uma “torcida” forte e preparada para enfrentar suas rivais:

“Escolhemos o nome ‘Mancha Verde’ com base no personagem ‘Mancha Negra’ do Walt Disney, que é uma figura meio bandida, meio tenebrosa. A gente precisava de uma figura ideal e de pessoas que estivessem a fim de mudar a história. Na época, a gente tinha uns 13/14 anos de idade e já havíamos sofrido muito com as outras ‘torcidas’, então, a gente começou com muita vontade, muita garra e na base da violência. A gente deve ter exagerado um pouco, porém, foi um mal necessário. A gente conseguiu o nosso espaço e adquirimos o respeito das demais ‘torcidas’”²⁸.

A juventude é a matéria prima desse movimento. A violência é o elemento aglutinador, ou seja, as vítimas fatais nos enfrentamentos de torcedores de futebol, extra-oficialmente, chegam a 29 casos e a maioria pertence a faixa etária de 10 a 22 anos de idade, totalizando 20 casos. Desses, 15 casos ocorreram do ano de 1992 em diante²⁹.

Por outro lado, os agressores, no relatório do comando do 2º BPCChq da cidade de São Paulo, são, oficialmente,

“menores de 18 anos. A média de idade é 16 anos dos elementos que praticam atos violentos. Isso não significa dizer que a gente não detenha indivíduo maior de idade. Isso ocorre, mas existe uma grande maioria de menores que praticam atos de violência”³⁰.

Como se explica, a partir de argumentos dos próprios “torcedores”, atos de violência praticados entre “torcidas”? No entendimento dos dirigentes das “torcidas” o aumento da violência tem dois fatores preponderantes: a) a influência da mídia e b) os ingredientes do próprio “jogo”. Para Paulo Serdan,

“A imprensa cria fatos que não existiu, mas a gente já está acostumado com isso (...). O lance é que o jornal tem que vender. (...) Se as ‘Torcidas organizadas’ cresceram muito, a imprensa ajudou muito também, porque essa molecada de hoje em dia, de 13, 14, 15 anos, não tem um ideal, nem um ideal político, nada”.

Jamelão, ex-presidente dos “Gaviões da Fiel”, acredita que

“A imprensa tem que chegar junto com a gente (...), porque todo aquele que for associado que está na faixa de 15 a 17 anos, vendo uma matéria no jornal: ‘são paulino toca bomba no corintiano’, isso automaticamente fica na memória dele no próximo jogo, ele vai fazer bomba para atacar o são paulino. (...) A imprensa ao invés de colaborar e querer saber quais os pontos para ter uma solução, eles preferem vender a imagem, vender o jornal”.

O argumento mais recorrente utilizado por representantes de “torcidas” é que atos de violência podem ser gerados em face de inúmeros fatores intimamente ligados às teias de relações desenvolvidas no evento esportivo, abrangendo desde a estrutura dos estádios até a ação da polícia. Paulo Serdan sintetizou a justificativa:

“Um detalhe do juiz, um detalhe do bandeirinha, um detalhe do policiamento. É uma série de detalhezinhos que vai insuflar a ‘torcida’ e vai criar um clima de guerra. Você chega num estádio e não tem água para beber, não tem banheiro para ir (...), um guarda que é um pouco violento (...), um bandeirinha que vira para trás e tira um barato com a cara da ‘torcida’ ou o próprio diretor de clube que o seu time faz gol, ele vira para a ‘torcida’ e tira um barato, então é uma série de detalhes que faz você sair do sério”.

Norbert Elias e Eric Dunning (1992), na obra *Deporte y Ocio en el Proceso de la Civilización*, apontam que o próprio “jogo” contém elementos que podem servir como vetor de agressividades. Sem dúvidas, o futebol traz consigo ingredientes que mexem com as emoções dos aficionados.

As identificações

Sensato apontar a violência como elemento preponderante na construção da identidade desses grupos, porém uma indagação merece ser feita: em quais bases sustentam suas identificações? O “torcedor”, na formação “organizada”, não é mais um mero espectador do “jogo”. No grupo ele é parte do espetáculo, ele é o espetáculo, é protagonista. Vide suas vestimentas e bandeiras (estético), cantos e coreografias (lúdico), sentimento de pertencimento e representação da guerra contra os rivais (simbólico). Um acontecimento, como diria Jean Baudrillard, “performático” (1992: 85).

Ao que tudo indica, o movimento “Torcida Organizada” se sustenta em identificações que expressam masculinidade, solidariedade, companheirismo e pertencimento. Identificações estas, além das estético-lúdico-simbólicas, que atraem jovens a tomarem parte do movimento e, em igual proporção, são acolhidos. Paulo Serdan entende que o fascínio se dá, pois

“(…) essa juventude de hoje em dia não tem alguma coisa para se espelhar e se inspirar. (...) eles não têm no que se apoiar. (...) Qual o único seguimento hoje em dia que expõe as suas vontades e os seus desejos, mesmo que seja em relação ao futebol? É a “Torcida Organizada””.

Intermediado por Félix Guattari, entendo que o movimento “Torcida Organizada” veicula seu próprio sistema de “(...) modelização subjetiva, quer dizer, uma cartografia feita de demarcações cognitivas, mas também, míticas, rituais, sintomatológicas, a partir da qual ele se posiciona em relação aos seus afetos, suas angústias e tenta gerir suas inibições e suas pulsões” (Guattari, 1998: 21-22).

A partir da idéia de modelização guattariniana, não é pretensão absurda indicar que algumas dimensões inter-relacionais que acionam as identificações constitutivas dos “novos sujeitos”, centralizam-se na violência e no simbólico.

Em outras palavras, a dimensão cotidiana e cultural da violência produzida entre “Torcidas Organizadas” não pode ser dissociada da realidade social e da apropriação que a juventude faz do simbólico, pois os jovens aparecem, na maioria dos casos, protagonizando práticas diversas manifestadas no movimento.

Conclusão

As relações no interior das “organizadas” são estruturadas em laços amalgamados no prazer de atos de violência e agressividade, na espetacularização e performace do grupo, cuja expressividade social volta-se contra inimigo, semelhante, mas rival: o “outro” torcedor organizado.

No Brasil, a violência produzida pelo movimento “Torcida Organizada” (acrescenta-se aqui o comportamento de inúmeros grupos de jovens), passou a ser

uma preocupação social, na medida em que transformou-se num incomodo aos interesses em torno do evento esportivo.

O futebol se fixou como acontecimento rentável e a violência pode, sem dúvida, colocar em risco os investimentos realizados por clubes, empresas e interessados, pois negócio e violência são incompatíveis e, conseqüentemente, há um processo de ignorar quem são esses “torcedores”, bem como suas identificações e identidade produzidas no espaço do futebol.

Para todos os efeitos, no discurso da mídia e da ordem vigente, a violência ganha corpo e rosto. Primeiro, porque quem produz a violência, no visor imaginário do senso comum, é pessoa de baixo poder aquisitivo, pobre, negro ou mestiço e, além desses requisitos inventados, ocupa as piores localizações no espaço urbano³¹. Segundo, porque a ordem social dominante não pode reconhecer que a violência constitui outras formas de relações sociais, reproduzindo representações, códigos e estilos de vida próprios, às vezes até de proteção às hostilidades de nosso tempo. Por fim, porque o discurso dominante não reconhece que o indivíduo inscrito na cultura, independentemente de classe social, faz parte de um sistema social de padronização subjetiva, as chamadas “demarcações cognitivas” (Guattari, 1998) que compõem-se, também, de informações míticas, ritualísticas e sintomatológicas, reagindo aos estímulos de seus afetos, angústias, frustrações, entre outros elementos subjetivos que também contribuem para formar a identidade e as identificações do grupo.

Para todos os efeitos, não cabe atrelar as causas da violência produzida nesse movimento às questões de classe social ou fatores econômicos, reduzidamente. Há que observar as causas subjetivas advindas nas dimensões cotidianas das relações sociais contemporâneas que colocam os jovens mais suscetíveis a botar para fora suas pulsões, “ditas primitivas”, às práticas de agressividade e de violência.

Não cabe, inclusive, pensar a violência entre “torcidas”, no caso do Brasil, negando os efeitos do esvaziamento político do sujeito social, em especial, dos agrupamentos de jovens, instaurado no processo de construção de uma “sociedade atomizada” (Scherer-Warren, 1993: 112-113), reflexos dos traçados ideológicos dos governos militares.

Na articulação reforço a idéia de que a violência não está disjunta da realidade social, visto que é parte da dimensão, real, do cotidiano dos grandes centros urbanos brasileiros e, consecutivamente, dos grupos de jovens.

Acredito que a mola propulsora dessas dimensões sociais, combinadas com uma infinidade de fatores históricos, econômicos e sócio-culturais, ganha efeito na produção do esvaziamento político do sujeito social.

Nesse sentido, observa-se que os atos de violência transformam-se em um *plus* e os acontecimentos circulam para além das questões de classe social ou de

efeitos do econômico, ou seja, ao novo sujeito social, no caso o “torcedor organizado”, o prazer e a excitação gerados pela prática de atos de violência podem ser elementos importantes na interpretação do comportamento, uma vez esvaziado de sua capacidade de ser sujeito coletivo. Por conseqüência, a violência, nos moldes pensados no texto, estruturam a identidade e as identificações produzidas “no” e “pelo” grupo.

Em síntese, pode-se dizer que três aspectos se convergem para justificar e explicar o fenômeno: a) a juventude, cada vez mais esvaziada de consciência coletiva; b) o modelo de sociedade de consumo instaurado no Brasil que valoriza a individualidade, o banal e o vazio; c) o prazer e a excitação gerados pela violência ou pelos confrontos agressivos.

Acrescento que esses três aspectos, além de dar conta da temática proposta, re-dimensionam a formação da identidade, das identificações e da dimensão do cotidiano, travada pelos grupos sociais de juventude no espaço urbano.

O que arrisco dizer, por derradeiro, é que a violência caracterizou-se como parte intensa do cotidiano urbano contemporâneo, em especial dos grandes centros e uma pista importante para o entendimento do fenômeno é que a repressão (policial, legal, etc.) pode contribuir para manter “suposta ordem social”, mas não evita que o deslocamento dessa massa jovem para outros movimentos de busca de prazer e de excitação.

Bibliografia

- Abramo, Helena Wendel 1994 *Cenas Juvenis-punks e darks no espetáculo urbano* (São Paulo: Scritta).
- Baudrillard, Jean 1992 *A transparência do mal: ensaio sobre os fenômenos extremos* (Campinas: Papirus).
- Benevides, Maria Victoria 1982 “Linchamentos: violência e ‘justiça’ popular”, em AA.VV. *Violência brasileira* (São Paulo: Brasiliense).
- Bourdieu, Pierre 1998[a] *A economia das trocas simbólicas* (São Paulo: Perspectiva).
- Bourdieu, Pierre 1998[b] *O poder simbólico* (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil).
- Buford, Bill 1992 *Entre os vândalos: a multidão e a sedução da violência* (São Paulo: Companhia das Letras).
- Costa, Márcia Regina da 1993 *Os carecas do subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno* (Petrópolis: Vozes).
- Costa, Márcia Regina da et alli (comps.) 1999 *Futebol, espetáculo do século* (São Paulo: Musa).
- Chauí, Marilena 1986 *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil* (São Paulo: Brasiliense).
- Da Matta, Roberto 1982 “As raízes da violência no Brasil: reflexões de um antropólogo social”, em AA. VV. *Violência brasileira* (São Paulo: Brasiliense).
- Diórgenes, Gloria 1998 *Cartografias da cultura e da violência: gangues, galerias e o movimento hip hop* (São Paulo: Annablume/Secretaria da Cultura e Desporto de Fortaleza).
- Duran González, Javier 1996[a] *El vandalismo en el fútbol. Una reflexión sobre la violencia en la sociedad moderna* (Madrid: Gymnos).
- Duran González, Javier 1996[b] “El vandalismo en el fútbol”, em AA.VV *Valores sociales y deporte: fair play versus violencia* (Madrid: Consejo Superior de Deportes) N° 9.
- Elias, Norbert 1992 *A busca da excitação* (Lisboa: DIFEL).
- Elias, Norbert & Eric Dunning 1992 *Deporte y ocio en el proceso de la civilización* (Madrid: Fondo de Cultura Económica).
- Guattari, Félix 1999 *Caosmose, um novo paradigma estético* (Sao Paulo: Brasiliense).
-

- Hall, Stuart 1997 *Identidades culturais na pós-modernidade* (Rio de Janeiro: DP&A).
- Kowarick, Lucio 2000 *Escritos urbanos* (São Paulo: Editora 34).
- Lerner, Julio 1996 *A violência no esporte* (São Paulo: Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania/IMESP).
- Morais, Regis de 1985 *O que é violência urbana?* (São Paulo: Brasiliense).
- Murphy, Patrick; John Williams & Eric Dunning 1994 *O Futebol no banco dos réus: violência dos espectadores num desporto em mudança* (Oeiras/Portugal: Celta Editora).
- Odália, Nilo 1986 *O que é violência?* (São Paulo: Brasiliense).
- Ortiz, Renato 1983 “Gostos de classe e estilos de vida”, em *Bourdieu* (São Paulo: Ática).
- Pimenta, Carlos Alberto Máximo 1996 “A complexidade das relações societárias e os novos sujeitos: a violência como ponto de partida”, em *Revista Ciências Humanas* (Taubaté: UNITAU) Vol. 2, Nº 1.
- Pimenta, Carlos Alberto Máximo 1997 *Torcidas organizadas de futebol: violência e auto-afirmação, aspectos da construção das novas relações sociais* (Taubaté: Vogal).
- Pimenta, Carlos Alberto Máximo 1999 “As transformações na estrutura do futebol brasileiro: o fim das torcidas organizadas nos estádios de futebol”, em Costa, Márcia Regina da et alli. *Futebol: espetáculo do século* (São Paulo: Musa).
- Pimenta, Carlos Alberto Máximo 2000 “Violência entre torcidas organizadas de futebol”, em *São Paulo em perspectiva* (São Paulo: Fundação SEADE) Vol. 14, Nº 2.
- Pinheiro, Paulo Sérgio 1982 “Polícia e crise política: o caso das polícias militares”, em AA. VV. *Violência brasileira* (São Paulo: Brasiliense).
- Pires, Cecília 1985 *A violência no Brasil* (São Paulo: Moderna).
- Rifiotis, Theophilos 1997 *Nos campos da violência: diferença e positividade* (Florianópolis) Mimeo.
- Rodrigues Filho, Mário 1964 *O negro no futebol brasileiro* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira).
- Scherer-Warren, Ilse 1993 *Redes de movimentos sociais* (São Paulo: Edições Loyola).
- Silva, Elisabeth Murilho da 1996 *As “torcidas organizadas de futebol”: violência e espetáculo nos estádios* (São Paulo: Departamento de Ciências

Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) Dissertação de mestrado.

Toledo, Luiz Henrique de 1996 *Torcidas organizadas de futebol* (Campinas: Autores Associados/ANPOCS).

Wacquant, Loïc J. D. 1999 “Da América como o avesso da Utopia”, em Lins, Daniel (comp.) *Cultura e subjetividade: saberes nômades* (São Paulo: Papirus).

Zermeño, Sérgio 1990 “El regreso del líder”, em *Revista de CLACSO* (Buenos Aires: CLACSO) N° 56.

Notas

1 Penso *identificações*, tendo como ponto de referência Pierre Bourdieu, quando trabalha a categoria *classe*, a partir dos elementos condição e posição. Orienta que o “estilo de vida” da juventude, por exemplo, se constrói no espaço do cotidiano e da vida urbana, estabelecendo identificações estéticas, éticas, corporais, imagéticas, entre outros no âmbito da cultura e do simbólico (Bourdieu, 1998[a]: 3-25).

2 As discussões de identidade são encaminhadas com base em Stuart Hall, cuja análise coloca em evidência as identidades culturais no contexto da pós-modernidade (Hall, 1997).

3 A academia brasileira, nas últimas décadas, tem buscado respostas às múltiplas facetas da violência reconhecendo que o fenômeno transformou-se, sem sobra de dúvidas, em uma das maiores preocupações no imaginário urbano. Ver nesse sentido, os trabalhos de Paulo Sérgio Pinheiro (1982), Roberto Da Matta (1982), Cecília Pires (1985), Regis de Moraes (1985), Nilo Odália (1986), Maria Victoria Benevides (1982), Márcia Regina da Costa (1993), entre outros.

4 Os trabalhos de Márcia Regina da Costa (op. cit.) e Helena Wendel Abramo (1994) souberam explorar muito bem a questão e servem como referências na discussão da temática da juventude.

5 As discussões de Subjetividades e Produções Simbólicas utilizadas no transcurso da articulação são pensadas a partir do texto *Caosmose, um novo paradigma estético*, de Félix Guattari (1998).

6 O termo vândalo ou vandalismo é muito utilizado por investigadores europeus para distinguir o torcedor comum do violento, no caso europeu: Hooligan. Ver os trabalhos de Javier Duran González (1996[a] e 1996[b]), de Bill Buford (1992), entre outros que constam da bibliografia. A proposta é evitar a utilização desse termo para, conseqüentemente, evitar a rotulação policialesca ou midiática empregada aos acontecimentos de violência entre torcedores organizados no Brasil.

7 As entrevistas foram coletadas em pesquisa de campo ou em dados da imprensa escrita e televisiva. O critério de seleção do material levou em consideração, exclusivamente, tais ponderações: a) o aumento da violência entre “Torcidas Organizadas”, b) a intolerância com a violência, após o dia 20 de agosto de 1995, no acontecimento denominado de *Batalha Campal do Pacaembu* e c) a incompatibilidade da violência com os rumos da profissionalização administrativa do futebol brasileiro.

8 Atos de violência acompanham o comportamento dos torcedores desde o início dos jogos de competição. No Brasil acontecimentos desta natureza não

são exceção. Mário Rodrigues Filho, em *O Negro no Futebol Brasileiro*, menciona que “quando o Bangu vencia, muito bem, não havia nada, o trem podia voltar sem vidraças partidas. Quando o Bangu perdia, porém, a coisa mudava de figura; os jogadores da cidade trancavam-se no barracão, o vestiário da época, não queriam sair só com a polícia, os torcedores corriam para esconder-se no trem, deitando-se nos bancos compridos de madeira, enquanto as pedras fuzilavam, partindo vidros, quebrando cabeças. Vinha a polícia, os jogadores saíam do barracão, bem guardados, os diretores do Bangu atrás deles, muito amáveis, pedindo desculpas. Numa confusão dessas era natural que ninguém se lembrasse da taça oferecida ao vencedor. Daí a expressão que pegou: –‘ganha, mas não leva’. O clube da cidade podia ganhar o jogo. A taça, porém, ficava lá em cima” (Rodrigues Filho, 1964: 20-21).

9 Nesse sentido, ver Patrick Murphy, John Williams & Eric Dunning (1994: 39-70).

10 Por “burocrática/militar” entendo grupos de torcedores que formam, ao seu redor, estrutura organizativa com base em estatutos, quadro associativo, departamento administrativo e de vendas, sede para ponto de encontro, reuniões, interação social e que estão preparados, se necessário, para o confronto físico e verbal contra os grupos rivais. Nesse sentido, os “Gaviões da Fiel” modificaram o estilo das torcidas existentes institucionalizando formas de organização, administração e “estratégias” e “táticas” de defesa em confrontos com os “inimigos”, semelhantes às práticas militares, pelo menos em nível de utilização simbólica da linguagem militar (linha e pelotão de frente, combate, etc.). Ver Carlos Alberto Máximo Pimenta (1997: 64-82). A categoria “burocrática/militar”, apropriada no texto, foi indicada pelo professor Maurício Muhad, pesquisador/fundador do Núcleo Permanente de Estudos de Sociologia do Futebol, do Departamento de Ciências Sociais, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UERJ, na Vª Semana de Ciências Sociais, História, Geografia e Relações Internacionais, junto ao Grupo de Trabalho Metrôpole: violência, memória e novos sujeitos, realizado em abril/1994, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

11 Para ampliar o entendimento da afirmação de ser as “Torcidas Organizadas” um fenômeno urbano, ver Luiz Henrique de Toledo (1996: 123-134).

12 Tenho recebido críticas pesadas, saldáveis por sinal, com relação a associação que faço entre “Torcida Organizada” e “militarização”, como elemento chave na interpretação do fenômeno. Os críticos merecem “ouvidos”, porém não merecem “eco”. Primeiro, porque fundam seus argumentos em comprovações pragmáticas e deterministas, desqualificando métodos de análise centrados na dedução ou na indução. Segundo, porque negam, com veemência, a apropriação das identificações simbólicas que as “Torcidas Organizadas” faz

da linguagem militar. Terceiro, e mais grave, é a negação de elaborações teóricas fundamentadas em Pierre Bourdieu (1998[b]) e em Félix Guattari (1998).

13 Considero os “Gaviões da Fiel” a “organizada” mais antiga do Brasil. Os “Gaviões” é a primeira torcida a ter uma estrutura organizativa regida por regras estatutárias e com característica burocrática/militar, compondo-se de presidente e vice, conselheiros e diretores, eleitos periodicamente, formando instituição privada sem fins lucrativos e seus sócios são tratados de forma “impessoal”. A “torcida” foi fundada em 01/07/1969, com o objetivo de fiscalizar e apontar todos os erros praticados pelos dirigentes do S.C. Corinthians Paulista, auto-intitulando-se “os representantes da nação corintiana” junto à Instituição-Clube. As identificações desses grupos são percebidas pela vestimenta, virilidade e masculinidade, cânticos de guerra, transgressões das regras legais, coreografias, sentimento de pertencimento, auto-afirmação, etc. As “Torcidas Organizadas” se opõem aos modelos considerados, demasiadamente, pacíficos adotados pelos “Charangas”, bandas musicais que a partir dos anos 40 davam nas arquibancadas um tom camavalesco de torcer pelo seu clube. Para aprofundar sobre o tema ver Carlos Alberto Máximo Pimenta (1997: 64-93).

14 O trabalho de Lúcio Kowarick (2000) traz referências importantes sobre a construção dos espaços urbanos nos grandes centros brasileiros e como foram encaminhados os “projetos” de políticas públicas.

15 Entendo por “novos sujeitos” os indivíduos, na sua maioria jovens, que interagindo nos “jogos de relações sociais” sofrem(ram) esvaziamento de suas identidades coletivas ou, de alguma forma, foram “colocados a margem pela ordem dominante” e que buscam rosto social (visibilidade), resistência cultural, pertencimento a grupos coesos que lhes dêem a possibilidade de vida social (Pimenta, 1996: 17-26), através de atos denunciatórios ou agressivos. Essa tipologia de violência Theophilos Rifiotis denominou de *violência positiva* (1997).

16 Sobre os fatores que influenciam o esvaziamento da consciência social e coletiva do sujeito ver Marilena Chauí (1986), Sergio Zermeño (1990: 54-62) e Ilse Scherer-Warren (1993: 112-113).

17 Extraído de reportagem produzida pela TV Brandeirantes, em 20/8/1995, após a *Batalha Campal do Pacaembu*. Trata-se de entrevista com torcedor da “Mancha Verde”, tido como suposto autor da morte do “Independente” Márcio Gasperin da Silva.

18 Idem anterior.

19 Sobre a questão da excitação e do prazer pela prática de atos que fogem aos padrões de controle estabelecidos pelas sociedades capitalistas, ver Norbert Elias (1992), na obra *A Busca pela Excitação*.

20 O termo “Chiqueirão” utilizado para indicar que o estádio de futebol da Sociedade Esportiva Palmeiras é local de criação de porcos, pois quem é palmeirense é, nas brincadeiras, chamado de “porco”.

21 No texto todas as falas de Paulo Serdan são datadas de julho de 1995, na época Presidente da “Mancha Verde”. Assim, todas as falas dele referem-se a entrevista supra.

22 Entrevista realizada em abril de 1995. Todas as “falas” de Jamelão contidas nesse texto se referem à entrevista supra.

23 Dados obtidos junto às mencionadas “torcidas”, em abril de 1995.

24 O registro etnográfico de Luiz Henrique de Toledo, ilustra muito bem a beleza e a plasticidade de uma “Torcida Organizada” (Toledo, 1996).

25 Nesse sentido, ver Carlos Alberto Máximo Pimenta (1997: 74-77).

26 Todos os dados contidos nesse parágrafo foram extraídos da sistematização de 614 textos jornalísticos da imprensa escrita paulista (O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo, Jornal da Tarde e Notícias Populares), de janeiro de 1980 a outubro de 2000.

27 A “Mancha Verde” foi fundada em 11 de janeiro de 1983.

28 Informações concedidas por Paulo Serdan.

29 Os dados foram coletados na imprensa escrita de São Paulo.

30 Dados coletados junto ao comando do 2º BPChq, da Cidade de São Paulo.

31 Ver Loïc J.D. Wacquant (1999: 35-48) e Glória Diórgenes (1998).